



DADOS DE ÁFRICA (S)

ISSN: 2675-7699

Vol. 04 | N°. 08 | Ano 2023

Ana Carolina F. de Mendonça
Isabely Gurgel de Castro
Pedro Henrique da Silva

Site/Contato

Editores

Rodrigo Castro Rezende
rodcastrorez@gmail.com

Ivaldo Marciano de França Lima
ivaldomarciano@gmail.com

OS DOGONS: AS PROBLEMATIZAÇÕES E PERSPECTIVAS ACERCA DA COSMOLOGIA A PARTIR DO MITO DE CRIAÇÃO

**THE DOGON: ISSUES AND PERSPECTIVES ON COSMOLOGY
FROM THE CREATION MYTH**

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar a cosmologia do povo Dogon, especialmente através do mito de criação, e discutir a problematização do eurocentrismo e cientificismo ocidental, que frequentemente desconsideram outros tipos de conhecimento. O estudo utiliza fontes primárias como as obras dos antropólogos franceses Marcel Griaule e Germaine Dieterlen, além de comparações com a mitologia indígena brasileira, particularmente a dos Kaiapó. Demonstra-se que os Dogons possuem um conhecimento astronômico avançado, transmitido oralmente, o qual a ciência ocidental só descobriu recentemente. O artigo também aborda como a tradição oral é frequentemente subestimada, apesar de sua riqueza e confiabilidade. A pesquisa conclui que os conhecimentos dos Dogons e dos indígenas brasileiros são igualmente relevantes e possuem valor científico, mesmo que tenham sido historicamente marginalizados pelo ocidente.

PALAVRAS-CHAVE: Dogons; Mitologia; Astronomia

ABSTRACT: This article aims to analyze the cosmology of the Dogon people, particularly through their creation myth, and to discuss the issue of Eurocentrism and Western scientism, which often disregard other forms of knowledge. The study uses primary sources such as the works of French anthropologists Marcel Griaule and Germaine Dieterlen, as well as comparisons with Brazilian indigenous mythology, particularly that of the Kaiapó. It is demonstrated that the Dogons possess advanced astronomical knowledge, transmitted orally, which contemporary science only discovered recently. The article also addresses how oral tradition is often underestimated despite its richness and reliability. The research concludes that the knowledge of the Dogons and Brazilian indigenous peoples is equally relevant and scientifically valuable, even though it has been historically marginalized by the West.

KEY WORDS: Dogons; Mythology; Astronomy.

OS DOGONS: AS PROBLEMATIZAÇÕES E PERSPECTIVAS ACERCA DA COSMOLOGIA A PARTIR DO MITO DE CRIAÇÃO

Ana Carolina Ferreira de Mendonça¹
Isabely Gurgel de Castro²
Pedro Henrique da Silva³

Introdução

O objetivo do presente trabalho é explorar o mito de criação e a história do povo Dogon, alicerçando essa análise na problemática do eurocentrismo e do cientificismo, que frequentemente posiciona a ciência ocidental como superior a outras formas de conhecimento. Essa visão equivocada ignora as realidades e experiências dos indivíduos fora do Ocidente. A historiografia, ao excluir e isolar tais povos, reforça essa perspectiva, ao centrar seus estudos na história de grandes homens e do Ocidente, com uma visão colonial e imperialista (CERTEAU, 2010).

Metodologicamente, o artigo baseia-se nas imagens dos Dogons e nos registros dos antropólogos franceses Marcel Griaule (1898-1956) e Germaine Dieterlen (1903-1999) em seu livro “Conversations with Ogotemmêli: an introduction to Dogon religious ideas”. Este livro, que relata os anos de contato com os Dogons e suas conversas com Ogotemmêli, um reconhecido sábio Dogon, foi a porta de entrada para o conhecimento ocidental sobre a complexidade cosmológica e mitológica dos Dogons. Além disso, o artigo traça um diálogo com a mitologia comparada dos indígenas brasileiros Kaiapó e o herói mítico Bep-Kororoti, demonstrando que povos distantes do continente europeu possuem formas de pensar igualmente ricas e interessantes.

Um dos pontos centrais do estudo não é fornecer uma solução definitiva para as questões sobre como os Dogons chegaram às suas conclusões sobre Sirius A, B e C ou a festa Sigi, frequentemente atribuídas a contatos extraterrestres ou influências europeias. Em vez disso, o objetivo é problematizar essa abordagem, considerando que os Dogons podem ter produzido tal conhecimento por meio de dedução e observação. Embora outros povos possam ter influenciado o desenvolvimento de seus mitos ao longo do tempo, é crucial demonstrar que um povo fora do eixo europeu pode construir um conhecimento dialogante com a ciência moderna.

A HISTÓRIA DO POVO DOGON: O VASTO CONHECIMENTO ASTRONÔMICO TRANSMITIDO ATRAVÉS DO MITO DE CRIAÇÃO

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF-Campos). acfmendonca@id.uff.br

² Graduanda em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF-Campos). isabelygurgel@id.uff.br

³ Graduando em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF-Campos). pedrohenriquesilva@id.uff.br

A transmissão da tradição oral ocorre de mestre para discípulo ao longo de décadas e séculos. Por muito tempo, e até nos dias de hoje (embora em menor escala atualmente), a história transmitida oralmente tem sido vista como pouco confiável. De acordo com Bâ (2010), a oralidade possui a mesma confiabilidade da escrita ao lidar com o passado: “O testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunha humana, e vale o que vale o homem” (BÂ, 2010, p. 168). Nesse contexto, os povos que utilizam a tradição oral possuem uma memória mais desenvolvida, conseguindo transmitir informações e conhecimentos para as gerações futuras. Devido ao uso constante da memória, essas sociedades são capazes de armazenar mais dados. Além disso, a tradição oral utiliza diversas maneiras para operar a transmissão dos conhecimentos. Segundo Rezende (2019), os mitos, lendas, contos, música, entre outros, fazem parte da tradição oral e possuem relação com a história.

Nesta conjuntura, entrando na proposta inicial do presente trabalho de analisar o mito de criação do povo Dogon e sua relação com as estrelas Sirius, é importante examinar o conhecimento astronômico dos Dogons, que por sua vez é considerado inferior pela ciência ocidental.

A astronomia dos Dogons é explicada através de mitos e lendas. Esse conhecimento é mantido e disseminado, como já mencionado, por meio da tradição oral. Vale ressaltar que essa sociedade existe há mais de cinco mil anos e possui conhecimento astronômico há mais de mil anos. No entanto, esses fatos só foram descobertos pela ciência contemporânea recentemente.

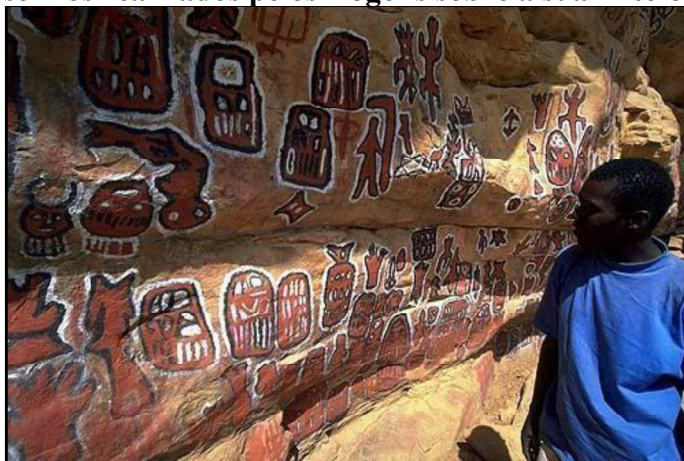
Atualmente, existem aproximadamente 450 mil Dogons, que vivem, em sua maioria, ao redor do rio Níger, entre Mali e Burkina Fasso, países localizados na África Ocidental (Rezende, 2022). Vivem nas colinas rochosas, nos planaltos da escarpa de Bandiagara. Os Dogons são basicamente agricultores e quase não usam dinheiro, realizando trocas nas feiras locais. Aos olhos ocidentais, o povo Dogon é considerado "atrasado" porque, por exemplo, até hoje não possuem acesso à eletricidade. No entanto, esse povo detém um vasto conhecimento astronômico, especialmente acerca do sistema do Cão Maior, que inclui as estrelas Sirius A e Sirius B. Importante ressaltar que os Dogons possuem esse conhecimento muitos anos antes da astronomia contemporânea descobrir. As primeiras comprovações astronômicas detectadas pela ciência moderna que se relacionam com os conhecimentos dos Dogons só foram feitas na década de 1920 (Temple, 2005). Sirius B só foi descoberta no século XX. Observa-se que Sirius A, após o anoitecer, torna-se a estrela de maior luminosidade no céu. Todavia, Sirius B só pode ser observada com o auxílio de algum instrumento astronômico e não pode ser identificada a "olho nu".

Então, surge o questionamento: como os Dogons, em suas lendas e mitos, já afirmavam a

existência de Sirius B há mais de mil anos antes da criação do telescópio? Sob esse viés, toda a religião e cultura do povo Dogon referenciam as estrelas Sirius A e B. Para compreender esse conhecimento dos Dogons, é necessário retornar ao mito de criação dos Dogons. De acordo com Marcel Griaule (1975), os Nommos nascem da relação da terra com Amma e vão para o espaço, Sirius (Rezende, 2022). Os "nommos", segundo as lendas dos Dogons, eram metade peixe e metade humano. Os "nommos" eram anfíbios. Seu planeta era, em grande parte, coberto por água e orbitava em torno de Sirius B.

Eles ensinaram sobre as Plêiades, sobre Órion e tudo que existe. Ensinaram também que foi em Sirius que tudo começou e de onde vêm todas as almas. A história dos Dogons sobre seres de outro planeta é semelhante a outras histórias de outros povos. Esse surto de visitação, de acordo com as similaridades das histórias, ocorreu há 5 mil anos, após uma grande catástrofe na Terra. Aparentemente, esses seres visitaram toda a Terra, da Austrália às Américas, ensinando seus conhecimentos e costumes. Dentro disso, através das informações dos Nommos, tem-se a existência de uma outra estrela. Chamada pelos Dogons de "Sorgo Fêmea" ou o "sol das mulheres", esta é a estrela Sirius C, cuja existência não foi confirmada pelos astrônomos (REZENDE, 2022).

Desenhos realizados pelos Dogons sobre a sua mitologia.



Fonte: OLIVEIRA, CARLOS – ASTROPT, s/d.

Para aprofundar o conhecimento sobre a relação da mitologia dos Dogons com o sistema de Cão Maior, é necessário realizar uma análise de dados astronômicos sobre essa galáxia, integrando os conhecimentos adquiridos deste povo. Primeiramente, Sirius A é a sétima estrela mais próxima da Terra, localizada a 8,5 anos-luz de distância⁴. O sistema em si consiste de duas estrelas gigantescas, Sirius A e B. Sirius B tem um período orbital de 50 anos ao redor de sua

⁴ Mistérios do Espaço, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=S8v6UcCkbgM>>. Acesso em: 13 jul. 2023.

estrela principal. Os Dogons possuem uma festa nomeada "Sigui", comemorada a cada 50 anos, após a volta de Sirius B ao redor de Sirius A.⁵ Esse evento marca o calendário Dogon e também a cosmogonia desse povo, ou seja, a explicação deles para a criação do mundo. Para os Dogons, toda a criação está relacionada com a estrela Sirius B, que eles chamam de "Po Tolo", o que significa estrela semente. "Os Dogons consideram que a estrela mais importante no céu seja Sirius B, que não pode ser vista. Eles admitem que ela é invisível" (TEMPLE, 2005, p. 87). Pode-se analisar que os próprios Dogons admitem a impossibilidade de enxergar Sirius B. Destaca-se que outros povos já tinham o conhecimento de Sirius A. Por exemplo, o astrônomo Ptolomeu (viveu no século II a.C.) comparou o brilho do planeta Marte e Júpiter com Sirius A. Entretanto, a sabedoria a respeito de Sirius A e das outras populações não se compara com o nível de conhecimento dos Dogons.

Em 1946, um ancião cego chamado Ogotemmêli contou ao antropólogo francês Marcel Griaule sobre as tradições dos Dogons. Ogotemmêli pertence à condição social dos tradicionalistas que são "os grandes depositários da herança oral" da África (BÂ, 2010, p. 174). A etnóloga Germaine Dieterlen também esteve sempre presente na pesquisa. Juntos, Griaule e Dieterlen publicaram o livro "Conversations with Ogotemmêli: an introduction to Dogon religious ideas" (Conversas com Ogotemmêli: uma introdução à religião e ideias dos Dogons) em 1965. Dessa forma, veio à tona para o Ocidente o diverso conhecimento dos Dogons na década de 1960. Neste período, muitos dados ainda não tinham sido descobertos pela ciência contemporânea. Outro exemplo é que os Dogons afirmaram que Vênus possuía um asteroide que sempre o acompanhava, e isso só foi descoberto no ano de 2020. Os Dogons também já sabiam das quatro luas galileanas de Júpiter, nomeiam a lua de "planeta morto", possuem o conhecimento da circulação do sangue no corpo, do anel de Saturno, sabem que Júpiter segue Vênus ao redor do Sol e que a Terra gira em seu próprio eixo (TEMPLE, 2005). Toda essa sabedoria é explicada por intermédio dos mitos e lendas, principalmente com o mito da criação. Sempre lembrando que esses saberes foram desenvolvidos antes das descobertas ocidentais.

Amma é o deus principal, o criador, do Universo, para os dogons. Há um interessante relato sobre Amma e a criação: "O papel ativo da fermentação no tempo da criação é evocado na presente preparação da cerveja... a fermentação do líquido constitui uma 'ressurreição' dos cereais destruídos na preparação da bebida fermentada... Ávida... é comparável à fermentação. 'Muitas coisas estavam fermentando dentro de Amma na criação'. E "Girando e dançando, Amma criou todos os mundos espiralados das estrelas do Universo". "...o Trabalho de Amma produziu o Universo progressivamente, e este foi constituído em vários mundos que giram em espiral (TEMPLE, 2005, p. 100).

⁵ UMA HISTÓRIA A MAIS, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qASI_bHKEfo>. Acesso em: 14 jul. 2023

No decorrer do mito, é possível observar a criação da vida de forma análoga à explicação oferecida pela ciência contemporânea. Ainda neste mito de criação, os alimentos e bebidas ingeridos são transformados por Amma em sangue vermelho, enquanto o sangue branco não faz bem ao corpo (TEMPLE, 2005). Aqui, verifica-se o conhecimento dos Dogons sobre a circulação sanguínea e também sobre a diferença entre sangue venoso e arterial. As quatro luas de Júpiter também são explicadas pelo mito da criação. “A mutilação que a Raposa (...) sofreu ainda está sangrando. O sangue de seus genitais derramou-se no chão, mas Amma a fez ascender ao céu na forma de quatro satélites que giram ao redor de dana tolo, Júpiter” (TEMPLE, 2005, p. 96).

A história dos Dogons “exemplifica ainda mais o domínio africano da ciência antiga, ao alegar a origem dos ancestrais Africanos da estrela Sirius B, uma estrela que orbita Sirius A, uma estrela que orbita Sirius C” (MARTINS, 2019, p. 81). Porém, infelizmente, mesmo com todo esse conhecimento, os Dogons são invalidados. Seus conhecimentos são rebaixados a uma subcategoria, posto que fogem do convencional postulado pela ciência contemporânea ocidental. “Os Dogons continuam a tradição do Mistério como uma forma de sabedoria que a interpretação eurocêntrica não pode aceitar como válida nem acredita neste conhecimento antigo como pertencente aos nativos da África” (MARTINS, 2019, p. 81).

A MITOLOGIA DO POVO DOGON E OS PONTOS DE ENCONTRO COM A CIÊNCIA OCIDENTAL

Conforme exposto, os Dogons são disruptivos em relação à forma com que várias sociedades, inclusive a europeia, compreendem a cosmovisão. De acordo com os antropólogos franceses Griaule e Dieterlen, os Dogons já tinham noção de Saturno, da Terra girar em torno de si mesma e do Sol (movimento de translação). A partir disso, Carl Sagan (1979) afirma sobre a possibilidade de um povo deduzir uma visão correta justamente por conta das inúmeras cosmologias que existem e pela observação: “É talvez possível que indivíduos com um sentido de visão extraordinário, em ótimas condições de observação, pudessem, sem telescópio, ter observado os satélites galileanos de Júpiter e os anéis de Saturno” (SAGAN, 1979, p. 67). Ainda segundo o astrônomo, não seria possível os Dogons construírem um conhecimento a partir da observação e dedução que incluíssem os planetas movendo-se em órbitas elípticas e em relação à estrela Sirius.

Um dos pontos interessantes a respeito do conhecimento cosmológico dos Dogons é a capacidade deste povo de reconhecer Sirius A e saber da existência de Sirius B (Po Tolo) a “olho nu”. É importante salientar que Sirius A pode ser vista a “olho nu” por ser uma estrela branca

muito brilhante no céu noturno, devido ao seu tamanho e sua proximidade com a Terra, considerada maior que o Sol, entretanto menor que outras estrelas. Ademais, a observação dessa estrela pode ser explicada principalmente se levarmos em consideração a visibilidade do céu em um ambiente longe das metrópoles que emanam muita luz. Porém, a descoberta da estrela anã, Sirius B, que não é facilmente reconhecida, é uma incógnita de como os Dogons perceberam essa estrela, que possui um período de translação em relação a Sirius A de aproximadamente 50 anos, e que coincide justamente com a festa Dogon Sigi, que possui o propósito de regenerar o mundo.

Em “O Mistério de Sirius”, Robert Temple utiliza o conhecimento dos Dogons para reafirmar sua tese de que existem seres extraterrestres, uma vez que, segundo ele, foi a partir deles que os Dogons ficaram sabendo da existência de Sirius B. Todavia, conforme o próprio autor, este povo notou no céu uma estrela com aspecto avermelhado: “Os Dogons ainda descrevem que esta 'estrela', especificamente, possui um círculo de raios vermelhos ao seu redor, e que tal círculo de raios é 'como um foco de luz que se espalha', mas continua do mesmo tamanho” (TEMPLE, 2005, p. 394). Ora, se levarmos isso em consideração, faz sentido comparar com a transformação em anã branca, categoria na qual Sirius B é classificada nos dias de hoje, visto que uma estrela passa por um estágio de gigante vermelha e com um brilho nítido.

Por outro lado, Carl Sagan (1979) em “O Cérebro de Broca: Reflexões sobre o Romance da Ciência” afirma sobre a discrepância no tempo da transformação da estrela, em que ela era uma gigante vermelha séculos antes dos escritos sobre a observação da estrela Sirius na antiguidade (SAGAN, 1979). Diante disso, vemos o quão complexas são as possibilidades para o mistério do conhecimento dos Dogons acerca do universo. O intuito deste trabalho não é responder às questões cosmológicas desse povo, mas sim trazer à tona as complexidades das perspectivas e concepções que um povo africano pode ter e que não têm necessariamente ligação com o continente europeu.

Neste contexto, Carl Sagan mantém uma visão contrária à ideia de que os Dogons soubessem sobre a existência de Sirius, utilizando um eurocentrismo característico ao menosprezar a tradição oral em comparação com a documentação escrita, conforme apresentado em seu texto.

Ao começar a examinar mais de perto esta história, contudo, recordemos que a tradição astronômica dos Dogon é puramente oral, que só podemos ter a certeza da sua existência a partir dos anos 30 e que os diagramas são escritos na areia com paus. (Diga-se de passagem que existem provas de que os Dogon gostam de compor figuras elípticas e que Temple se pode ter enganado ao afirmar que, na mitologia Dogon, os planetas e Sírio B se moviam em órbitas elípticas (SAGAN, 1979, p. 68).

Podemos perceber nesse trecho uma forma de reduzir a tradição oral como algo inferior ou com menos credibilidade, pautando-se numa ciência que não permite olhar para as regiões além do Ocidente com um olhar de igualdade ou de respeito. É necessário ressaltar também que “antes de colocar seus pensamentos no papel, o escritor ou o estudioso mantém um diálogo secreto consigo mesmo. Antes de escrever um relato, o homem recorda os fatos tal como lhe foram narrados, ou, no caso de experiência própria, tal como ele mesmo os narra” (BÂ, 2010, p. 168). Além disso, segundo BÂ (2010), a correlação entre homem e palavra na África é muito mais forte que numa sociedade ocidental, visto que a fala é um ponto de comunhão, tendo a cadeia de testemunhos como algo fundamental. A tradição oral é, portanto, um elemento muito importante nas sociedades ágrafas e deve ser respeitada e considerada uma forma legítima de se alcançar conhecimento. Acima de tudo, a tradição oral precisa fazer sentido para quem ouve, e aqueles que devem entender sobre a mitologia Dogon são o próprio povo Dogon.

Em seguida, Sagan (1979) afirma sobre a possibilidade de os Dogons terem feito um “contato com o Ocidente [que] proviesse da visita de um europeu à África, da presença de escolas francesas locais, ou talvez ainda de contatos na Europa de africanos ocidentais induzidos a lutar pelos franceses na Primeira Guerra Mundial” (SAGAN, 1979, p. 70). Além disso, sobre os Dogons saberem apenas que Saturno possui anéis, excluindo Urano, reforça para o astrônomo que esse conhecimento foi passado pelos europeus e não por seres extraterrestres. O ponto passível de problematização é o fato de atrelar toda a capacidade de um povo africano sempre ao Ocidente.

Além disso, os Dogons afirmam sobre a possibilidade de existir uma terceira estrela no sistema de Sirius: a estrela Sirius C, que eles chamam de Emme: “Sirius C, que é maior que Sirius B, considerada quatro vezes mais leve, e os Dogons acreditam que se desloca para uma órbita mais alta, com um período igual ao de Sirius B, de 50 anos” (THEODOSSIOU, 2005, p. 4). É importante considerar que Sagan não leva isso em análise quando se refere aos Dogons e à mitologia desse povo. Sirius C seria o sol das mulheres (Nyan Nai) ou pequeno sol (Nai Dagi), que acompanha um planeta denominado Emme Gia ou condutor de Emme ou estrela das mulheres (Nyan Tolo) (SAGAN, 1979, p. 5).

Os Dogons são, sem dúvidas, um povo com uma visão cosmológica muito próxima da ciência moderna, embora haja um povo na América, mais precisamente no que conhecemos hoje como Brasil, que também chama atenção por trazer essa complexidade e semelhança com a ciência, assim como os Dogons. Alinhado a isso e buscando conexões entre esses povos, pretendemos demonstrar como os seres humanos podem deduzir e interpretar coisas que estão em sua cognição e que, embora tenham uma certa conformidade com a Europa, não foram passadas por europeus para esses indivíduos, mas sim produzidas por eles mesmos.

INDÍGENAS BRASILEIROS E REFLEXÕES PROPORCIONADAS PELA DISCUSSÃO DO POVO DOGON

De acordo com o observado no decorrer do trabalho, a ciência, a tecnologia e, também, as descobertas astronômicas são questões que, na maioria das vezes, são associadas ao povo europeu e ocidental. Entretanto, assim como os Dogons, outros povos não ocidentais, mesmo na antiguidade, já possuíam esses conhecimentos. À medida que aprofundamos a temática, percebemos que, no Brasil, esse tipo de conhecimento também já circulava, principalmente entre os povos indígenas. Estes, que também foram representados no decorrer da história como sem cultura, sem conhecimento e selvagens.

Contudo, possuíam e ainda possuem diversas habilidades com animais, plantas e até mesmo com a astronomia (utilizando métodos empíricos). Segundo o físico e etnoastrônomo Germano Afonso, “pela observação do céu, os indígenas determinavam o tempo das chuvas, do plantio e da colheita [...] Assim, o conhecimento do céu [...] está intrinsecamente ligado à cultura indígena, tais como, em seus mitos, rituais [...]” (AFONSO, 2014, p.1). Na maioria das vezes, esses conhecimentos são apresentados em forma de mito e transmitidos pela tradição oral, assim como demonstrado com o povo Dogon.

Dessa forma, percebemos um possível paralelo para mostrar que, assim como os Dogons, os indígenas brasileiros também são negligenciados quando o assunto é conhecimento. Assim, é importante inicialmente destacar que o historiador Marcel Detienne traz em sua concepção que tudo é comparável, e, por isso, os mitos e sociedades enquanto representações podem ser comparados. A comparação assume então um papel para a não criação de leis gerais, da análise de microssistemas de pensamento e coloca em perspectiva os valores e escolhas de uma determinada sociedade.

Comparamos entre historiadores e antropólogos para construir comparáveis, analisar microssistemas de pensamento, esses encadeamentos que decorrem de uma escolha inicial, uma escolha que temos a liberdade de apresentar ao olhar de outros, escolhas exercidas por sociedades que, no mais das vezes, não se conhecem entre si (DETIENNE, 2004, p. 65).

Deste modo, “o comparativista tem o sentimento de descobrir um conjunto de possíveis, cuja amoedação conceitual mostra elementos singulares e constitutivos de arranjos diversamente configurado” (DETIENNE, 2004, p.56). Por isso, iniciaremos uma análise das singularidades e semelhanças desse conhecimento único existente entre os Dogons e os indígenas.

No Brasil, os mitos variam de acordo com cada povo, afinal, “estima-se que, na época da

chegada dos europeus, fossem mais de 1.000 povos”. Dessa forma, cada um tinha a sua forma de interpretar a vida e também os céus. Uma forma dessa interpretação pode ser vista em um mito dos indígenas Tembé da Amazônia. Segundo Afonso, os pajés contam que uma linda indígena chamada Flor da Noite se apaixonou por um rapaz que, na verdade, era um boto cor-de-rosa. Após se amarem, Flor da Noite engravidou de três botos e, por fim, decide soltá-los no rio. Porém, quando seus filhos sentem saudade, procuram sua mãe, saltando sobre as águas, sempre na lua nova e na lua cheia, criando uma grande onda que se estende até as margens do rio, derrubando árvores e virando barcos e canoas.

Diante desse mito e dos estudos, percebemos que o fenômeno narrado nada mais é do que a pororoca. Este fenômeno consiste no encontro das águas do mar com as águas do rio, causando um choque entre elas e, como consequência, surgem grandes ondas que realmente destroem muitas vegetações e embarcações. Assim, da forma como os indígenas já tinham percebido, os estudos mostram que a pororoca acontece principalmente por conta das mudanças da lua. Dessa forma, em mitos como este, percebemos “que esses índios já conheciam a relação entre as fases da lua e o ciclo das marés” (MARIUZZO, 2012, p. 61).

Ainda em seu trabalho, Afonso (2014) aborda diversos métodos de análises astronômicas que são utilizados há muitos séculos pelos indígenas. De acordo com ele, esses povos utilizam principalmente as fases da lua para se organizarem cotidianamente. Um exemplo disso é a observação feita pelos indígenas de que a melhor época para caçar e plantar é perto da lua nova, pois perto da lua cheia os animais se tornam mais agitados devido ao aumento de luminosidade, como, por exemplo, os percevejos que atacam a lavoura (AFONSO, 2014, p.3). Outro exemplo desse conhecimento pode ser visto nos povos Tupi-Guarani, que sabiam prever os eclipses.

Para eles (os Tupi-Guarani), isso seria possível utilizando as observações que faziam dos movimentos do Sol e da Lua no céu e da sombra de uma haste vertical, projetada pelo Sol e pela lua cheia. Eles contam que um espírito maléfico, representado por uma Onça Celeste, sempre persegue os irmãos Sol e Lua, que o importunam. O olho direito dessa Onça Celeste é representada por duas estrelas vermelhas, Antares, da constelação de Escorpião e Aldebarã, da constelação de Touro, que ficam em lados opostos no céu, no zodíaco, onde passam o Sol, a Lua e os planetas, observados da Terra. De fato, uma noite por mês, a Lua aproxima-se de Antares e de Aldebarã, sendo que o Sol fica perto dessas duas estrelas um dia por ano, podendo ocorrer eclipses lunar ou solar (AFONSO, 2014, p. 3).

Abordando agora um pouco dos mistérios semelhantes aos dos Dogons, podemos destacar o mito do povo indígena Kaiapó (também do Brasil) do herói mítico Bep-Kororoti. Entretanto, antes de tudo, gostaríamos de destacar que os Kaiapó (termo lançado por outros grupos) se identificam na verdade como Mebêngôkre, "os homens do buraco/lugar d'água". Segundo informações, “os dados mais antigos claramente estabelecidos sobre os Kayapó

(Mebêngôkre) datam do fim do século XIX”, mas conforme outros estudos apontam, é um povo que já habita as terras brasileiras há muitos séculos.

Dito isto, em 1980 foi publicada uma matéria no Jornal Vida de Manaus, escrita por João Américo Peret. Nela, Peret narra o mito que lhe foi contado em 1952 pelo velho conselheiro Bep-Noy, “ao anoitecer, na aldeia Gotire, às margens do rio Fresco, afluente do Xingu, no Pará” (PERET, 1980, p.11), sobre “Bep-Kororoti: O guerreiro do espaço”. Bep-Kororoti foi um herói mítico que continua presente nos ensinamentos do povo e é considerado “um disciplinador social da comunidade” (PERET, 1980, p.11). Segundo Bep-Noy, Bep-Kororoti chegou de Pukatóti (a serra proibida) até os Mebêngôkre trajando Bó (roupa que dizem lembrar a de um astronauta) e também Kop, sua borduna trovejante que era extremamente forte, capaz de transformar árvores e pedras em pó. Inicialmente, causou medo, mas aos poucos os indígenas foram se acostumando com Bep-Kororoti.

Um dia, ele apareceu sem Bó, e então sua beleza, brancura e simpatia fizeram com que ele se tornasse amigo dos Mebêngôkre. Essa amizade criou laços ainda maiores, pois ele se apaixonou por uma indígena e acabou formando uma família. Uma de suas filhas se chamava Niôpoti. Ainda de acordo com o mito, Bep-Kororoti trouxe ensinamentos, como a construção de uma ng-óbi, casa que funcionava como um centro de atividades onde aconteciam danças, discursos, trabalhos manuais e aperfeiçoamento de armas. Ele criou também o Grande Conselho (semelhante a uma assembleia), onde eram debatidos os problemas da comunidade e eram feitas as tomadas de decisões. Segundo Güey-babã, “dessa forma nosso povo ficou sabido e organizado”.

Porém, depois de um tempo, por conta da saudade, Bep-Kororoti juntou sua família, exceto Niôpoti, que estava ausente, e partiu para Pukatóti. Depois de alguns dias, ele retornou, e seus amigos começaram a achar que ele tinha enlouquecido, e então uma guerra se instaurou. Bep-Kororoti apenas se defendia, e por isso a luta durou dias. Ele recuou até o sopé da serra de Pukatóti, e de repente, num estrondo violento que abalou toda a região, subiu para o espaço, envolto em nuvens flamejantes, fumaça e trovões. Por conta disso, a terra passou por dificuldades e a fome se instaurou entre os Mebêngôkre. Diante da dificuldade, Niôpoti, filha de Bep-Kororoti, que tinha ficado na terra, decidiu ir a Pukatóti junto de seu marido, na tentativa de reencontrar o resto de sua família.

Assim como seu pai, ao chegar no local, por meio de uma “árvore” (em outros relatos descrita como uma canoa pequena voadora), subiu ao céu com o mesmo estrondo, fumaça e trovões. Depois de alguns dias, voltou com sua família em uma árvore maior (uma canoa grande voadora), trazendo alimentos e remédios, e logo depois sua família partiu novamente. Niôpoti voltou à aldeia trazendo a mensagem de Bep-Kororoti, dizendo que ele ordenou que todos

fossem para Pukatóti e lá passassem a viver e plantar. O povo obedeceu, e por muitos anos a felicidade reinou, e as lavouras se multiplicaram cada vez mais. E, ainda segundo Bep-Noy, até hoje existem sinais da passagem de Bep-Kororoti. Hoje em dia, existem festas na aldeia Mebêngôkre para comemorar a vinda do herói. As roupas usadas se assemelham realmente a de um astronauta, algo que nem sequer era imaginado existir na época.

Comemoração a Bep-Kororoti na aldeia dos Mebêngôkre



Fonte: Blog do Trapa.

O objetivo de falar um pouco desses mitos, conhecimentos e ensinamentos indígenas é demonstrar que, assim como os Dogons, o povo brasileiro é repleto de inteligência e mistérios. O mito de Bep-Kororoti atrai a atenção de diversos pesquisadores e também ufólogos que buscam entender o que pode ter acontecido entre os Mebêngôkre. Muitas teorias são feitas, como a de que esse herói era algum ser extraterrestre, ou até mesmo um ser humano de outra época, teorias que envolvem viagem no tempo (algo que justificaria a vestimenta). Dessa forma, toda a análise feita no decorrer deste trabalho deixa claro a importância de estudar e analisar povos que por muito tempo foram desconsiderados pela ciência e pela história. Assim, como dito anteriormente, o fato de serem povos que utilizam muito da tradição oral não torna o conhecimento menos pertinente. Afinal, ao verificar todas as comprovações científicas que foram feitas com a mitologia dos Dogons e também com os indígenas do Brasil, percebemos que, na verdade, o conhecimento deles é totalmente relevante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, conforme abordado na presente pesquisa, é perceptível a vasta sabedoria existente nas mitologias e sociedades do povo Dogon. Assim, como os estudos e relatos demonstram, esse povo já estava avançado em conhecimentos (principalmente astronômicos) em relação ao ocidente. Entretanto, conseguimos concluir que, infelizmente, muito desse conhecimento não se faz presente na história, e muito disso se dá pelo fato de que o mundo

ocidental costumava e ainda costuma caracterizar os saberes africanos e indígenas como inferiores. Nesse sentido, como historiadores, notamos que a colonização e o imperialismo auxiliaram na perpetuação do ideal de que os povos africanos são apenas receptores de conhecimento. Ademais, através de uma mitologia comparada percebemos que, assim como nos Dogons e indígenas do Brasil, seus conhecimentos são sim relevantes e muitos já possuem sua comprovação científica. Portanto, diferente do que foi vinculado à imagem desses povos, muito temos a aprender com todas essas sociedades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Germano. “**O céu dos índios do Brasil**”. Anais da 66ª Reunião Anual da SBPC - Rio Branco, ac - julho/2014.

BÂ, Amadou Hampaté. **A tradição viva**. In: **KI-ZERBO**, Joseph (Org.). História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-212.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DETIENNE, Marcel. **Construir comparáveis**. In:_. Comparar o incomparável. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2004, p.45-68.

DIETERLEN, Germaine; GRIAULE, Marcel. **Conversations with Ogotemmêli : an introduction to Dogon religious ideas**. Published for the International African Institute by the Oxford University Press, 1965.

MARIUZZO, Patrícia “**O céu como guia de conhecimentos e rituais indígenas.**” *Cienc. Cult.* [online]. 2012, vol.64, n.4, pp.61-63.

MARTINS, Elcimar Simão. **(Etno) Ciência Africana: uma epistemologia a partir do pensamento dos Dogons**. Revista da ABPN, v. 11, Ed. Especial - Caderno Temático: “Saber-fazer em Ciências & Tecnologias - Trajetórias Afrodiaspóricas”, dez. 2019, p. 71-89.

REZENDE, Rodrigo Castro. **Astrofísica e história da África em transversalidade: possibilidades dos (ab)usos dos mitos Dogons na aplicação da Lei 10.639/03 e do combate ao preconceito de cor**. Cadernos de África Contemporânea, v. 05, n. 10, p. 112-130, 2022.

REZENDE, Rodrigo Castro. **Mito e Crioulização: o caso da expansão islâmica entre os Soninquês**. Cadernos de África Contemporânea, v. 2, n. 4, p. 6-32, 2019.

SAGAN, Carl. **O Cérebro de Broca: Reflexões sobre o Romance da Ciência**. 3º ed. Lisboa: Editora Gradiva, 1979.

TEMPLE, Robert. **O Mistério de Sirius: Novas evidências científicas de contato com alienígenas há 5 mil anos**. São Paulo: Editora Madras, 2005.

THEODOSSIOU, Efstratios. **Sirius in art and astronomy of Dogon**. Atenas: Hellenic Physicists Society and Eugenides Foundation: 1st International Symposium «Science and Art»,

2005.

FONTES

ANTENA Alien. **Dogon - Eles descobriram Sirius antes da ciência !!**. YouTube, 8 jan. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JbadGPA3wEM>>. Acesso em: 12 jul. 2023.

BLOG DO TRAPA. **A lenda de Bep-Kororoti**. Disponível em: <https://blogdotrapa.blogspot.com/2008/10/lenda-de-bep-kororoti.html> Acesso em: 20 jul. 2023.

EU AFRO. **Como vive o povo mais misterioso do planeta: O Povo Dogon**. YouTube, 4 de jan. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7a7unaKd0OU&t=1s&ab_channel=EuAfro> Acesso em: 13 jul. 2023.

ISA. **“Quem são?”** Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Quem_s%C3%A3o. Acesso em: 12 jul. 2023.

JORNAL CARAJÁS. **“Artigo em revista afirma que Índios do Xingu já fizeram contato com seres extraterrestres”**. Disponível em: <https://jornaldocarajas.com.br/noticia.php?codigo=21398>. Acesso em: 17 jul. 2023.

MISTÉRIOS DO ESPAÇO. **Tudo que sabemos sobre a estrela Sirius**. YouTube, 14 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=S8v6UcCkbgM>>. Acesso em: 13 jul. 2023.

OLIVEIRA, Carlos. **Os desenhos realizados pelos ancestrais dogons sobre o Mito de Criação**. Disponível em: <<https://www.astropt.org/2012/06/16/dogons-e-sirius/>>. Acesso em: 15 jul. 2023.

PERET, Américo. **“Bep-Kororoti – O guerreiro do espaço”**. Jornal Vida. Manaus, 20 jul. 1980. Disponível em: https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo_noticia/18253_20110113_171619.pdf Acesso em: 10 jul. 2023.

UMA HISTÓRIA A MAIS. **O misterioso Povo Dogon, a estrela sirius e a criação do universo**. YouTube, 05 dez. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qASI_bHKEfo>. Acesso em: 14 jul. 2023.

Recebido em: 05/04/2023

Aprovado em: 10/09/2023